

GEO- INCLUSÃO: APRENDENDO GEOGRAFIA DE FORMA LÚDICA EM TURMAS DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA NA CIDADE DE NAZARÉ DA MATA-PE

Anderson Victor Lopes Dias
Pablo Wesley Alves de Oliveira
Luciana Rachel Coutinho
Priscila Felix Bastos
Programa Residência Pedagógica

RESUMO

O presente artigo teve como finalidade contribuir com a elaboração e construção de práticas pedagógicas como forma facilitadora do processo de ensino-aprendizagem dos alunos da educação especial de uma escola pública do município de Nazaré da Mata- PE. Foram realizadas abordagens educacionais pelos residentes do Programa Residência Pedagógica, enfatizando a importância do uso de aulas práticas e didáticas como agente facilitador no processo de construção de uma educação especial inclusiva. Na primeira etapa, foram realizadas observações com o intuito de compreender a dinâmica professor-aluno, dentro das turmas da educação especial. A segunda fase foi direcionada para construção e aplicação de oficinas, cuja temática envolve os assuntos trabalhados na disciplina de Geografia. Como resultados, a referente pesquisa apresenta a elaboração de aulas dinâmicas no formato de oficinas voltadas ao ensino da Geografia em turmas da educação especial, através da execução de experimentos e construções de maquetes tridimensionais que ilustraram como se dá a estruturação do sistema solar, o processo de separação do lixo e todo o processo de construção e estruturação dos solos. Sendo assim, durante a execução dos experimentos foi perceptivo o engajamento e o interesse dos alunos durante a construção dos experimentos, todos participaram de maneira ativa das aulas, a metodologia utilizada durante as aulas fez com que as atividades se tornassem dinâmicas e atraentes para os discentes.

Palavras-chaves: Educação Inclusiva, Residência Pedagógica, Geografia.

INTRODUÇÃO

Trabalhar com a educação especial torna-se um desafio para a maioria dos professores, pois acaba sendo necessário que se reinventem profissionalmente constantemente, na procura de novas práticas didáticas a serem utilizadas como agente facilitador do processo de ensino-aprendizagem dentro da educação especial. Educação essa que atualmente vem ganhando um grau de destaque maior acerca de sua estrutura e metodologia. Dentro da atual educação brasileira, muitos debates estão sendo travados em torno de uma atmosfera que envolve uma seria reflexão, sobre o real papel da educação especial inclusiva dentro da presente educação do Brasil.

1 Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019 Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.

A democratização do conhecimento, trabalha para a divulgação de uma escola que busque atender os sujeitos de diferentes eixos populares, a Educação inclusiva mostra-se com uma nova face, acendendo como parte integrante da escola regular, dando auxílio para a sociabilização do conhecimento para todos os alunos (MARTINS; LEITE, 2014). A partir da contribuição de Martins e Leite (2014) entende-se que o ambiente escolar passa a ser um local de integração, nesse momento a mesma começa a ser um local de aceitação e inserção dos alunos especiais no contexto social.

Em torno desse cenário o referente artigo se justifica através da defesa de uma educação inclusiva e não exclusiva, através da utilização dos conceitos bases do ensino da Geografia escolar. O presente trabalho, contribuiu com a elaboração e construção de práticas pedagógicas como forma facilitadora do processo de aprendizagem dos alunos da educação especial de uma escola pública do município de Nazaré da Mata. Durante todo o processo de observações dos alunos, foi constatada a necessidade da introdução do lúdico e da participação dos alunos nas aulas. Este artigo teve como objetivo geral a introdução do ensino da Geografia de maneira didática e lúdica dentro da educação especial, através do uso de linguagens imagéticas como ferramenta de facilitação do processo de ensino e aprendizagem

Dos estudantes da educação especial. Foram trabalhadas as categorias de análise da geografia para construir com os alunos, aulas de Geografia participativas e inclusivas. O referente artigo enfatiza a necessidade da construção de uma geografia escolar inclusiva que priorize inserir os alunos nas práticas didáticas da sala de aula, assim, facilitando o seu aprendizado.

Foram realizadas revisões de literatura e uso do método exploratório como base metodologia desta pesquisa. Sendo assim, a educação deve ser explanada de forma igualitária e justa para todos, analisando as dificuldades, capacidades reduzidas e formas de abordagem do ensino para tais alunos. Compreendemos que o ensino para esses jovens chega de forma defasada ou muito sucinta, apenas pincelando pequenos aspectos.

Fundamentado e articulado conforme as diretrizes da base nacional comum curricular (BNCC), no qual o primeiro conhecimento geral serve de sustentação ao projeto; é a valorização e utilização dos conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva; Que tem como objetivo, entender e explicar a realidade, colaborar com a sociedade e continuar a aprender.

Foram construídas com os alunos da educação especial novas formas de compreender o sujeito e seu lugar no mundo de maneira inclusiva e geográfica; isso é o que chamamos de Geo-inclusão. Sendo assim, o presente artigo defende uma educação inclusiva e igualitária para todos, mas vale salientar que inclusão sem capacitação pedagógica dos professores, não é inclusão, mas sim, exclusão.

DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE QUALIDADE

Durante um longo período a educação inclusiva foi negligenciada pelos órgãos públicos e por toda sociedade brasileira, os portadores de deficiências eram vistos como incapazes, antissociais; vistos pelo capitalismo como impróprios para o mercado de trabalho devido as suas capacidades limitadas. No entanto, essa realidade vem se transformando para melhor desde a segunda metade da década

I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019 Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.

de 90 e ganhou força com a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), na qual uma das suas sugestões é que “as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas devem se adequar...”. Essa transformação iniciou-se, as escolas estão especializando-se para receber esses alunos e oferecer uma educação de qualidade para os mesmos.

A luta por uma educação inclusiva defende uma educação de qualidade para todos os alunos, sejam eles portadores de necessidades especiais ou não. Conforme afirma Silva e Aranha (2005, p.377),

a escola se torna inclusiva a medida que reconhece a diversidade que constitui seu alunado e a ela responde com eficiência pedagógica. Para responder às necessidades educacionais de cada aluno, condição essencial na prática educacional inclusiva, há que se adequar os diferentes elementos curriculares, de forma a atender as peculiaridades de cada um e de todos os alunos.

Os autores citados acima acabam ratificando a importância da discussão do tema voltado para a educação especial durante o processo de formação docente. Vale a pena ressaltar a importância de trabalhar com a educação especial de maneira multidisciplinar, na qual se faz necessária uma visão holística da educação de modo que, onde, o professor precisa compreender o contexto socioeducacional dos alunos como um todo, sejam eles portadores de necessidades especiais ou não, só a partir daí ele poderá criar métodos e práticas de ensino que atraiam os alunos e os envolva.

A criação de materiais lúdicos é de suma importância para a fluidez da aula com os alunos, tanto do ensino regular como da educação inclusiva, no entanto, os alunos da educação inclusiva anseiam por essas práticas. As atividades que envolvem o imaginário e incentivam a criatividade desses jovens facilitam no seu entendimento. Esse é um grande desafio para os professores que trabalham com esses alunos, pois além das exigências curriculares da escola ainda reservam um momento para pesquisar e planejar essas aulas diferenciadas.

Relatando sobre os desafios existentes na educação inclusiva além das metodologias diferenciadas deve-se atentar para uma triagem desses projetos e oficinas aplicadas, a fim de ter um acompanhamento dos projetos e verificar o andamento dos resultados, como diz Glat, Ferreira, Oliveira e Senna (2003):

Os atuais desafios da Educação Inclusiva brasileira centram-se na necessidade de desenvolver instrumentos de monitoramento sistemáticos (indicadores dos programas implantados), realização de pesquisas qualitativas e quantitativas que possam evidenciar os resultados dos programas implantados e identificação de experiências de sucesso; implantação de programas de capacitação de recursos humanos que incluam a formação de professores dentro da realidade das escolas e na sala de aula regular do sistema de ensino (GLAT, FERREIRA, OLIVEIRA E SENNA, p.35).

Os autores nos trazem a ideia de uma capacitação contínua dos profissionais que trabalham com essa educação especial, visto que apenas dessa forma conseguirá uma educação de qualidade. As práticas inovadoras, a capacitação dos profissionais e o amor pela educação devem caminhar juntos para atingir essa eficácia educacional.

I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019 Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.

Para ultrapassar essas barreiras em educação de qualidade, na educação especial, é necessário, além da capacitação dos profissionais, uma dinâmica diferenciada na abordagem dos conteúdos, um exemplo é o uso de maquetes para facilitar esse ensino aprendizagem, pois proporciona ao aluno uma visualização concreta dos fenômenos, das mudanças e traz um reconhecimento do material estudado para a realidade do aluno. Como nos dizem as Diretrizes para a educação básica do Estado do Paraná:

O uso de imagens não animadas (fotografias, maquetes, outdoors, entre outras) como recurso didático, pode auxiliar o trabalho com a formação de conceitos geográficos, diferenciando paisagem de espaço e, dependendo da abordagem dada ao conteúdo, desenvolver os conceitos de região, território e lugar. Para isso, a imagem será ponto de partida para atividades de sua observação e descrição podendo ser possível investigar: onde? Por que esse lugar é assim? Propondo pesquisas que levantem os aspectos históricos, econômicos, sociais, culturais, naturais da paisagem/espaço em estudo (PARANÁ, 2008, p. 82).

Assim buscará um aprendizado e interação eficaz entre os alunos com necessidades especiais, alunos regulares e docentes. Pondo em ação essas práticas deve-se compartilhar com os demais docentes para difundir essas experiências.

Dialogar com os demais educadores em Geografia, no tocante ao uso de maquetes como recurso pedagógico, principalmente para alunos portadores de necessidades especiais, visando incentivar e colaborar com o debate e o trabalho com este recurso (KATUTA et al., 2009, p. 9).

Assim como no ensino básico o ensino para a educação especial “participa do processo de construção dos fundamentos conceituais e instrumentais para a compreensão e representação da vida e do mundo, através do estudo da realidade” (REICHWALD JUNIOR; SCHAFFER; KAERCHER, 2003, p. 170). Desse modo Castellar e Vilhena (2010, p. 19), relatam que:

ensinar Geografia significa possibilitar ao aluno raciocinar geograficamente o espaço terrestre em diferentes escalas, numa dimensão cultural, econômica, ambiental e social, além de permitir ao aluno perceber a imagem gráfica da superfície da terra de forma criteriosa.

Assim o aluno construirá suas próprias definições para os objetos. Utilizando sua vivência, no qual, o mesmo absorverá os conceitos chaves da Geografia e compreenderá as situações como um objeto próximo, dentro de sua realidade. Facilitando o entendimento do aluno.

A utilização de aulas multidisciplinares, com o auxílio de materiais pedagógicos e diferenciados, será um auxílio maior para o ensino da Geografia com os alunos de educação regular e especial, os mesmos anseiam por inovação e um ensino diferenciado, quando isso ocorre geralmente traz bons resultados.

METODOLOGIA

O projeto foi posto em prática em uma escola pública de referência em ensino inclusivo, situada em Nazaré da Mata – PE, com aproximadamente 21 alunos. Teve como base pesquisas bibliográficas em artigos, revistas e livros referentes à temática; utilizando a pesquisa exploratória. Buscou-se compreender a problemática

I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019 Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.

por meio das leituras e observações e através de oficinas trabalhando de forma intervencionista para minimizar a problemática do ensino geográfico para os alunos da educação inclusiva. Aplicado em quatro fases, divididas da seguinte forma: A primeira fase foi composta pela observação da dinâmica professor-aluno em sala de aula, a fim de analisar como os assuntos são trabalhados com os jovens; a segunda fase foi iniciada com a aplicação de uma oficina, visando o ensino do sistema solar e elementos formadores dos planetas; na terceira fase foi feito um jogo com o intuito de abordar a coleta seletiva dos resíduos sólidos; já na quarta e última fase foi realizada a aplicação de uma dinâmica referente aos horizontes do solo e tintas não poluentes.

Sistema solar

A primeira oficina aplicada com os alunos foi a confecção de um sistema solar, no qual uma aula expositiva foi ministrada anteriormente para facilitar o entendimento dos alunos, logo em seguida foi aplicada a oficina. O foco principal da oficina foi criar o sistema solar, alertando para os componentes formadores de cada planeta e na posição geográfica que os mesmos estão ao redor do sol.

Os alunos receberam informações prévias da composição de cada planeta, identificando assim, os planetas sólidos (formados por rochas) e gasosos (formados por gases). Após absorverem as informações, foram distribuídas bolas feitas de meias de algodão reutilizadas e higienizadas devidamente, os alunos foram divididos em duplas ou trios para a pintura dos planetas e do sol, sempre levando em consideração os elementos formadores do planeta e respectivamente sua cor.

As formas dos planetas foram feitas por um par de meias de pano enroladas formando uma única bola. Ao terminar de enrolar as meias foram costuradas as “bocas” das meias pelos professores, fechando a esfera, não permitindo que a mesma se soltasse.

As tintas utilizadas para a pintura foram misturadas pelos professores para auxiliar no processo de pintura, os alunos, após serem separados em duplas/trios, foram designados para colorir um planeta por dupla, sempre com o auxílio dos professores para lembrar as cores e desenhos característicos de cada planeta.

Ao término da pintura e secagem os planetas foram postos em ordem e anexados a uma corda, simulando o alinhamento dos planetas com sol no sistema solar.

Coleta Seletiva

A coleta seletiva foi abordada com os alunos através de uma aula expositiva mostrando o significado dessa nomenclatura, como se deve fazer a separação do lixo, quais são as cores representantes de cada lixeira e seu significado e as possíveis consequências para a vida humana e para o meio ambiente, caso a coleta seletiva não seja feita.

A aula foi feita de forma simples e direta com o objetivo de prender a atenção dos alunos, sempre utilizando exemplos do cotidiano dos jovens, mostrando-os que o conteúdo está presente em seu cotidiano e eles mesmos podem fazer a separação devida dentro de suas casas.

Após a aula expositiva e exemplificação dos materiais para os alunos, foi aplicado um jogo de coleta e separação do lixo com os mesmos. Em uma extremidade da sala foram postos os materiais expostos no exemplo (garrafas pets,

vidro de perfume, papel amassado, papelão, pacote de salgadinho, latinha de refrigerante, desodorante aerossol, entre outros) todos misturados. Na outra extremidade da sala foram postas as lixeiras devidamente identificadas por cores e nomes. As lixeiras foram confeccionadas pelos professores com potes de 5 quilogramas de margarina e cartolina nas cores desejadas (amarelo, azul, vermelho e verde). Os alunos foram colocados em uma fileira e após o comando (apito) saíram em duplas e tinham a missão de escolher um material jogado em uma extremidade da sala e correr até a outra extremidade, levando o material e colocar na lixeira correta. Exemplo: João pegou uma garrafa pet, logo o mesmo correu até a lixeira vermelha e colocou a garrafa dentro da lixeira. Concluindo a atividade corretamente os alunos ganharam uma premiação.

Perfil do solo e tintas não poluentes

Os alunos participaram de uma aula expondo a formação do solo e seus vários horizontes, sempre salientando para a coloração e formação desses horizontes. Durante a aula expositiva os alunos puderam observar solos de diferentes cores e granulações, como rocha, areia lavada, terra roxa, terra preta rica em humos, entre outros. Após a aula e observação dos solos, os mesmos foram convidados a confeccionarem tintas, utilizando os solos. Misturando solo, cola e água; os alunos criaram as tintas que utilizaram para colorir um perfil do solo feito pelos professores em folhas de ofício A4, utilizando as tintas feitas de solo.

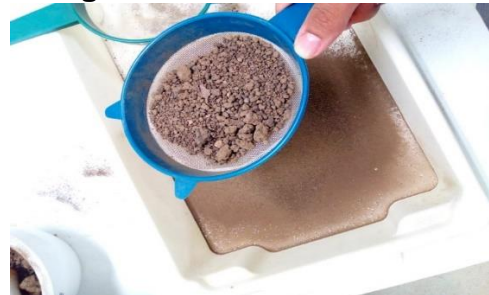
Antes da aula os residentes selecionaram os solos, coletando inclusive alguns nos entornos da escola. Após a seleção os solos foram separados, macerados e peneirados, como se pode observar nas Figuras 1 e 2.

Figura 1: Maceragem dos solos para confecção das tintas



Fonte: Autores (2019).

Figura 2: Peneira dos solos



Fonte: Autores (2019).

Após os processos de separação maceragem e peneira dos solos, os mesmos foram postos em garrafas pets e transportados para a escola campo a fim de serem utilizadas pelos alunos durante a aula lúdica sobre solos.

RESULTADOS

O presente trabalho foi realizado com os alunos da educação inclusiva em uma escola localizada na Mata Norte do estado de Pernambuco. A escola referida é conhecida por ser referência em ensino para educação especial. Os alunos ao chegarem à escola, em seu primeiro contato, são postos em uma sala selecionada apenas para os mesmos, a fim de ambientalizá-los com o ambiente escolar

I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019 Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.

e sua dinâmica pedagógica. Após a sua adaptação e convivência com os demais alunos, da educação regular, os alunos são inseridos na educação regular. Com essa ação a escola visa inserir os alunos em um ambiente acolhedor e sem discriminação, promovendo aos alunos uma equidade no ensino escolar.

Os residentes ao chegarem à escola iniciaram seu trabalho com uma observação da dinâmica escolar e do convívio dos alunos da educação inclusiva com os demais alunos e corpo docente. Durante as observações foi notório que o foco principal de ensino é para as disciplinas de Português e Matemática, pincelando nas demais disciplinas. Tal fato inquietou os residentes e impulsionou os mesmos a criarem um projeto para inserção da educação geográfica no currículo desses alunos.

A principal dificuldade foi como praticar o ensino geográfico de forma simples e de fácil compreensão para os alunos. Em conversa com a professora supervisora e em contribuição com as observações feitas, chegou-se à conclusão que a melhor forma de trabalhar com os alunos é utilizando o lúdico e suas experiências vividas. Só assim consegue-se trazer a realidade do aluno para a discussão feita em sala de aula. Baseando-se em Paulo Freire (1992) que nos traz a ideia de:

Jamais subestimar ou negar os saberes de experiências feitas, com que os educandos chegam à escola ou centros de educação informal. Evidentemente que há diferenças na forma de como lidar com esses saberes, se trata de um ou de outro caso citados acima. Em qualquer deles, porém, subestimar a sabedoria que resulta necessariamente da experiência sociocultural é, ao mesmo tempo, um erro científico e a expressão inequívoca da presença de uma ideologia elitista. Talvez seja mesmo o fundo ideológico escondido, oculto, opalizando a realidade objetiva, de um lado, e fazendo, de outro, míopes os negadores do saber popular, que os induz ao erro científico. Em última análise, é essa 'miopia' que, constituindo-se em obstáculo ideológico, "provoca o erro epistemológico". (FREIRE, 1992, p.85)

O autor salienta para essa visão mais apurada dos saberes, não impondo o saber do professor sobre os saberes dos alunos, mesmo os alunos possuindo necessidades especiais e alguns retardos no processo de compreensão, ainda assim, possuem inúmeros saberes que devem ser levados em consideração. Baseando-se nesse ponto, três oficinas foram criadas para facilitar a compreensão dos alunos em relação à ciência Geográfica (Sistema Solar, Coleta Seletiva e Perfil do Solo e tintas não poluentes).

Sistema solar

Como se pode observar abaixo, na figura 3, os alunos foram separados em grupos para a confecção do sistema solar, a fim de compreender como o mesmo funciona e como os planetas se alinham.

Figura 3: Alunas pintando o sol



Fonte: Autores (2019)

Durante a pintura observou-se o entusiasmo dos mesmos e a ligação do imaginário com o real, frases como: “Professor, esse sol é aquele que tem lá em cima, no céu, né?” ou “Professor, a gente sente calor por que o sol é quente, né?”. São perguntas que nos parecem óbvias, mas para um aluno de educação especial em formação escolar é de grande valor, pois são informações básicas que nos deparamos diariamente, mas nos passam despercebidas. Para um aluno em formação, principalmente os de educação especial, ao descobrirem os fatos e receberem elogios dos professores pelo empenho e dedicação, cria nos mesmos uma vontade maior de interagir e descobrir o mundo ao seu redor.

Ao longo da oficina os jovens e adultos confeccionaram todos os planetas do sistema solar e levantaram inúmeras colocações, animando não apenas os residentes, mas todo corpo docente que participou das oficinas. Na figura 4 pode-se observar um aluno confeccionando um planeta com máxima atenção e cuidado.

Figura 4: Aluno confeccionando o planeta Terra



Fonte: Autores (2019)

O mesmo nos indagou sobre as “manchas” verdes no planeta Terra e ao receber a resposta de que são as florestas, rapidamente associou a copa verde das árvores e conseguiu compreender como essas cores vistas de fora do planeta são influenciadas pelos objetos presentes dentro dos planetas.

Ao término da criação dos planetas, os alunos organizaram os planetas juntamente com o sol em um cordão, recebendo o auxílio dos residentes e professora em relação a posição de cada planeta. Após a colagem e secagem do

I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019 Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.

material os alunos, junto com os residentes e professora, revisaram o nome de cada planeta e sua posição no sistema solar. Abaixo, na figura 5, consegue-se observar todos os alunos da educação especial segurando o resultado final da oficina.

Figura 5: Alunos da educação especial com o sistema solar confeccionado por eles.



Fonte: Autores (2019)

Coleta Seletiva

A coleta seletiva foi trabalhada com os alunos de forma lúdica e divertida. Iniciou-se a aula com uma breve pergunta sobre as lixeiras presentes na escola e se os alunos possuíam conhecimento do uso de cada uma delas, a resposta foi bem variada, no entanto, grande parte não sabia como fazer a separação dos resíduos sólidos. Sendo assim, os alunos tiveram a oportunidade de confeccionar as lixeiras para em seguida utilizá-las durante um jogo. Na figura 6 podemos observar alguns alunos confeccionando as lixeiras, já na figura 7 observa-se o resultado da criação dos jovens.

Figura 6: Construção das lixeiras



Fonte: Autores (2019).

Figura 7: Lixeiras construídas pelos alunos



Fonte: Autores (2019).

Como se pode perceber nas figuras, foram feitas apenas quatro lixeiras (Vidro, Plástico, Metal e Papel), o foco foi maior nessas lixeiras, pois são as mais utilizadas pelos alunos no seu dia-a-dia. Salienta-se o uso da lixeira orgânica que foi comentada durante a aula, no entanto, não foi confeccionada, pois foi reaproveitada a existente em sala de aula.

A segunda fase da a terceira parte da aula foi o jogo de acertos, no qual os alunos foram colocados em fila única, dando a oportunidade de um por vez escolher um objeto descartável localizado em uma extremidade da sala e colocar na lixeira correta, na extremidade posterior da sala. A maioria dos alunos interagiram durante

1 Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019 Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.

a aula expositiva (primeira fase), participaram ativamente da criação das lixeiras (segunda fase) e jogaram com muito entusiasmo (terceira fase); os alunos demonstraram compreensão do conteúdo quando acertaram o objeto na lixeira correta. Na figura 8 podemos observar os alunos interagindo com a dinâmica.

Figura 8: Alunos jogando o jogo do acerto



Fonte: Autores (2019).

Perfil do solo e tintas não poluentes

Durante essa terceira oficina os alunos demonstraram grande interesse e entusiasmo em participar, pois toda a turma adora fazer pinturas. A descoberta em utilizar o solo como tintura criou curiosidade e ansiedade nos alunos para aprenderem e participarem da oficina. Inicialmente os alunos aprenderam sobre a formação do solo, seus horizontes e o componente de cada horizonte; utilizou-se de uma maquete ilustrativa para facilitar o entendimento dos alunos e em seguida a maquete serviu como modelo para os mesmos colorirem o desenho representativo dos horizontes do solo.

Após a aula expositiva os alunos aprenderam como criar a tinta de solo, que é basicamente a mistura do solo com água e cola branca. Em seguida os alunos receberam os desenhos feitos pelos residentes e começaram a coloração. Durante a pintura os alunos relataram sobre a textura da tinta que é mais consistente devido ao solo utilizado e como a secagem é feita mais rapidamente. Na figura 9 a seguir podemos observar os materiais utilizados para ministrar a oficina, como maquete, solos e as tintas utilizadas para colorir feitas com os solos expostos. Na figura 10 observa-se a pintura concluída de uma das alunas.

Figura 9: Recursos utilizados para ministrar a oficina



Fonte: Autores (2019).

Figura 10: Horizontes do solo colorido com tintas de solo



Fonte: Autores (2019).

Ao fim da oficina foi gratificante observar a felicidade dos alunos ao terminarem e reconhecerem o trabalho feito pelos mesmos. O conhecimento adquirido pelos alunos e a forma como esse processo acontece é formidável. Durante todas as oficinas os mesmos se empenharam de todas as formas, buscando superar suas incapacidades e doaram o melhor de si. Ao reconhecer o seu trabalho uma aluna soltou um grande sorriso e falou “foi eu que fiz, foi lindo o que eu fiz”, pequenas frases soltas pelos alunos da educação inclusiva, junto com sua fisionomia de satisfação em reconhecerem-se úteis e capazes, é uma sensação inenarrável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente escolar deve ser plural e inclusivo, nunca excludente e intimidador. A escola é um local de sociabilização dos conteúdos e troca de conhecimentos. A educação especial de igual forma é única e heterogênea. Encontram-se crianças, jovens e adultos em várias faixas etárias, diferentes graus de conhecimento e inúmeras peculiaridades; no entanto, todos possuem conhecimentos e contribuições a serem postas durante as aulas e formação do docente.

Os residentes encontraram uma realidade extremamente nova e enriquecedora, contribuindo fortemente para a formação dos mesmos. O acompanhamento da orientadora e professora supervisora foi de suma importância nesse processo, sempre sanando as dúvidas e auxiliando nessa etapa de formação docente. Ao trabalhar com a educação especial os residentes despertaram para uma nova realidade, um mundo novo, de realidade diferente da cotidiana; uma etapa desafiadora, mas de grande importância e enriquecimento pessoal e profissional.

Concordando com Paulo Freire (1992), os alunos possuem inúmeros saberes, diferentes dos nossos, e que ao serem levados em consideração enriqueceram a nossa formação, servindo como um auxílio no processo de ensino-aprendizagem, tanto discente, como docente. Com a educação especial aprendeu-se que as pequenas conquistas devem ser celebradas, pois são delas que chegarão as conquistas maiores. A educação especial é um espaço de troca, troca de conhecimentos, de afeto, experiências e de formação pessoal. Os alunos se desenvolvem de acordo com o esforço e dedicação do professor, quanto mais o docente buscar inovações, aulas lúdicas, capacitação e considerar o saber dos alunos, mais êxito o mesmo terá. No entanto esse incentivo deve vir do Estado e instituição escolar, pois sozinho o professor não consegue realizar essa atividade com resultados brilhantes. A capacitação continua do docente é de suma importância para a qualidade do ensino e bom desenvolvimento do discente.

O ensino geográfico deve chegar a todos os alunos de forma igualitária, sabendo-se que a compreensão dos alunos com deficiências ou alguma incapacidade é mais lento e necessita de uma melhor dedicação e empenho, buscando auxiliar a professora em sala de aula com o ensino de forma lúdica e participativa, pretendeu-se abordar o ensino da Geografia de uma forma diferente, buscando inserir o aluno dentro do conteúdo, facilitando assim o seu aprendizado.

Diante do exposto, pode-se afirmar que o programa Residência Pedagógica dá embasamento ao licenciando, com um conhecimento da real situação do I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019 Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.

exercício em sala de aula, nas suas especificidades em todo âmbito escolar. Com isso, caracterizando um momento ímpar de verificação das competências adquiridas ao longo da graduação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação. Base nacional comum curricular.** Brasília, DF: MEC, 2015. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 20 set. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Ensino Médio. Brasília: MEC. Versão entregue ao CNE em 03 de abril de 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf>. Acesso em: 04 set. 2019.

CASTELLAR, Sonia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de geografia.** São Paulo: Cengage Learning, 2010.

DIAS, D. C. G. da S. **O ensino de Geografia para Aluno com Deficiência Intelectual (DI) e as dificuldades dos professores de Geografia.** Um ensaio. In: XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2018, Paraíba. **Anal do eng** [...]. [S. l.: s. n.], 2018.

FERREIRA, J. R. e GLAT, R. **Reformas educacionais pós-LDB: a inclusão do aluno com necessidades especiais no contexto da municipalização.** In: Souza, D. B. & Faria, L. C. M. (Orgs.) Descentralização, municipalização e financiamento da Educação no Brasil pós-LDB, pg. 372-390. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FRANCIOSI, R. R. M.; TORRES, E. C. **A GEOGRAFIA PARA ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS: orientação espacial a partir da escala local por meio de maquete.** In: OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE. Paraná: Volume II, 2013. Versão on-line. ISBN 978-85-8015-075-9. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_geo_artigo_rosilene_rodrigues_martins_franciosi.pdf>. Acesso em: 30 Out. 2019.

FREIRE, P. R. N **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KATUTA, Ângela Massumi et al. **(Geo)grafando o território: a mídia impressa no ensino de geografia.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARTINS, S. O.; LEITE, L. P. **As contribuições da Educação Especial para promoção da educação inclusiva nas normativas brasileiras.** *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, v. 4, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=475847269009>>. Acesso em: 16 out. 2019.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de geografia para a educação básica.** Paraná: Memvavmem, 2008. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>. Acesso em: 29 out. 2019.

PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE Artigos, 2013, Paraná. Versão On-line ISBN 978-85-8015-076-6 Cadernos PDE.

REICHWALD JUNIOR, Guilherme; SCHAFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor Andre. A geografia no ensino médio. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. (orgs.) Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 169-172.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais.** Brasília: CORDE, 1994.

SILVA, S. C. da A; Fábio, M. S. **Interação entre professora e alunos em salas de aula com proposta pedagógica de educação inclusiva.** *Revista Brasileira de Educação Especial*. v.11, n.3, p. 373-394, 2005.

1 Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019 Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.